

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL_UEMS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO-PROE
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS: POR UMA EQUIDADE DE GÊNERO

GISLAINE DE OLIVEIRA CORREIA

DOURADOS – MS
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL_UEMS

PRÓ-REITORIA DE ENSINO-PROE

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS

CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS: POR UMA EQUIDADE DE GÊNERO

GISLAINE DE OLIVEIRA CORREIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade estadual do Mato Grosso do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa Dra Maria José de Jesus Alves Cordeiro

DOURADOS – MS
2016

C842e Correia, Gislaine de Oliveira

Educação de meninos e meninas: por uma equidade de gênero/ Gislaine de Oliveira Correia. Dourados, MS: UEMS, 2016.

28p. ; 30cm.

Artigo (Graduação) – Pedagogia – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro.

1.Relações de gênero. 2. Educação infantil 3. Violência contra mulher. I.Título.

CDD 23. ed. 372.054

FICHA DE APROVAÇÃO

ACADÊMICA: GISLAINE DE OLIVEIRA CORREIA

Título do Trabalho: Educação de meninos e meninas: por uma equidade de gênero

Este trabalho de conclusão de curso - TCC do curso de licenciatura de Pedagogia da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul foi submetido á Banca Examinadora, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia sendo aprovado com conceito:_____.

Dourados-MS. __ de _____ de _____.

Profa Dra Maria José de Jesus Alves Cordeiro – UEMS

Orientadora - Presidente da Banca

Profa Msc Cintia Santos Diallo – UEMS

Membro da Banca

Profa Msc Maria de Fátima Oliveira Mattos Grassi - UEMS

Membro da Banca

EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS: POR UMA EQUIDADE DE GÊNERO

Gislaine de Oliveira Correia ¹

Maria José de Jesus Alves Cordeiro ²

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa de intervenção feita por meio de projeto de extensão, o qual promove estudos e ações que tratam da temática relações de gênero, por meio de atividades desenvolvidas junto a dois grupos de alunos e alunas do pré-escolar II, com idade entre 5 e 6 anos, num Centro de Educação Infantil-CEIM e com idade entre 9 e 13 anos, numa Escola Municipal, ambas localizadas no município de Dourados-MS. As atividades que foram desenvolvidas sobre desigualdade de gênero dentro da sala de aula e no pátio escolar com o uso de recursos pedagógicos, buscaram incluir dentro da rotina dos alunos e alunas, atividades diferenciadas, bem como metodologias que deram suporte às professoras regentes para tratar das relações de gênero com as crianças. Para isso, aplicamos questionário á coordenadora do CEIM e da escola, além de nossas observações e participação junto às crianças. O objetivo da pesquisa foi discutir gênero no âmbito escolar a partir de atividades pedagógicas e assuntos cotidianos, como forma de reflexão entre alunos e alunas sobre uma vida que inclui mulheres e homens com o mesmo senso de liberdade e responsabilidades na sociedade.

Palavras-chave: Relações de gênero. Educação infantil. Violência contra a mulher.

Introdução

A escola é um local de socialização, acarretando em um ambiente com forte propagação sociocultural, incluindo as relações de gênero. Com seu papel democrático, a escola tem a função social de oportunizar e possibilitar discussões sobre temas sociais que adentram a escola diariamente possibilitando, assim, a construção de pensamentos reflexivos e crítico de seus alunos e alunas. Professoras e professores devem para isso manter-se atualizados/as contextualizando e abrindo caminhos para que seus alunos e alunas venham a produzir mais conhecimento e, assim, contribuir para uma escola e sociedade com mais sociabilidade, incluindo as relações de gênero.

¹ Estudante do Curso de Pedagogia da UEMS, Unidade Universitária de Dourados-MS; E-mail: igslaine@hotmail.com.

² Possui graduação em Pedagogia - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (1983). Mestrado (1999) e Doutorado (2008) em EDUCAÇÃO - CURRÍCULO pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), docente no Curso de Pedagogia, no Mestrado em Educação e Mestrado Profissional Ensino em Saúde. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero, Raça e Etnia (GEPEGRE/CNPq/UEMS); coordenadora do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Gênero, Raça e Etnia (CEPEGRE/UEMS); e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Políticas de Educação Superior/Mariluce Bittar (GEPES/MB). Coordenadora de subprojeto PIBID. Pós Doutorado no Instituto de Educação/UFMT. E-mail: maju@uems.br.

Tema que está no cotidiano da escola, em falas da comunidade escolar dentre eles/as os/as gestores/as, membros diretos da educação, responsáveis pela discussão e aplicabilidade desses temas, tendo de ter consciência e dever de estar sempre em busca de formação em prol de uma escola menos violenta e desigual quanto aos gêneros masculino e feminino. Segundo Auad (2016)

Desigualdades, preconceitos e violências são causas de evasão e repetência. Trata-se do direito á plena vivência das experiências educativas formais e informais na primeira infância e a socialização durante toda a trajetória escolar. Os gestores e os docentes, portanto, devem ser motivados a estudar sobre o tema – até para poder articulá-lo nas disciplinas. (p.51).

As escolas não precisam criar uma disciplina que fale especificamente sobre gênero, questões étnico-raciais ou bullying, esses temas devem ser intersetorial. As práticas na escola devem ser igualitárias, onde meninos e meninas tenham direitos de ir e vir conforme suas vontades. Ainda reforça Auad (2016), que a menina não deve ser reprimida por gostar de jogar futebol, do mesmo jeito que os meninos não devem ser reprimidos por não gostarem. Isso não deve ser confundido com homossexualismo, repressões como essas, que ocorrem o tempo todo nas escolas reafirmam estereótipos naturalizados pela sociedade, incutindo em desrespeito e falta de tolerância entre as pessoas.

Partindo da idéia de diferenças de corpos e de sexo como categoria biológica utilizada para diferenciar homens e mulheres, na ordem do binarismo macho/fêmea, determinada pela anatomia e fisionomia do corpo humano (BOTTON et al., 2015). A sociedade cria diferenciações entre o que é certo para a mulher e o que é certo para o homem. Esta diferenciação é conhecida como representações de gênero, um conceito cultural, já que varia de sociedade para sociedade, a forma como as pessoas vêm como certo coisas de meninos, futuros homens, e coisas de meninas, futuras mulheres. Criam padrões culturais fixados que conseqüentemente vem a ser disseminados em estereótipos fortíssimos, que são aceitos culturalmente pela sociedade como condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual, fazendo com que homens e mulheres se moldem, conforme a diferenciação de seus corpos e sexo. Resultando em meninos donos das quadras de esporte escolares, e meninas que varrem e organizam as salas de aula. A escola, então, tem papel fundamental em desmistificar estas diferenças, tendo a tarefa de construir valores e atitudes que possibilitem um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero, ao invés de ser um lugar de aceitação e ampliação de práticas de desigualdade e de produção e reprodução de preconceitos

e violências de gênero.

Partindo deste pressuposto, a seguinte pesquisa justifica-se pela necessidade urgente em se abordar, no contexto escolar, desde a educação infantil, assuntos relacionados a essa temática, contribuindo, assim, para uma educação menos preconceituosa e com regras ditadas historicamente pela sociedade, que segregam meninos e meninas com o que é certo para elas e o que é certo para eles. A principal inquietude, na hora de optar por desenvolver o projeto de extensão³ que gerou esse TCC, se deu pelo fato presenciado em um ponto de ônibus, onde duas crianças sendo um menino de mais ou menos uns sete anos e uma menina de aproximadamente uns cinco anos de idade começaram a discutir e, no meio da discussão o menino diz para a menina: “*cala a boca, vê se vai pra cozinha lavar louça que você ganha mais*”. Fala que me deixou bem perplexa confesso, já que vinda de um adulto não me causaria estranhamento, mas vinda de uma criança me causou grande inquietação.

Considerando a diversidade que compõe o contexto escolar e as manifestações preconceituosas e discriminadoras envolvendo gênero, raça e etnia, o desenvolvimento dessas atividades proporcionou a reflexão às professoras envolvidas e a intervenção e problematização da temática no cotidiano escolar contribuindo, assim, por uma educação na qual o preconceito e a não aceitação do diferente pela sociedade, seja discutido desde a sua raiz, fazendo uso preferencialmente de histórias, do lúdico e das brincadeiras por se tratar de educação infantil e primeiros anos das séries iniciais.

Na intervenção feita via extensão, procurou-se desenvolver atividades na primeira etapa da educação infantil, etapa essa que é marcada pela oportunidade das crianças conviverem em grupos sociais diferentes dos grupos formados por suas famílias, estabelecer contatos com diferentes adultos e crianças vindas de diferentes contextos sociais e religiosos, como forma de propiciar um ambiente escolar onde não haja o incentivo ou reforço dos preconceitos e reafirmações de lugares distintos para meninos e para meninas, futuramente homens e mulheres, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária e com menos

³ Projeto de Extensão vinculado ao projeto coordenado pela Professora Dra Maria José Jesus Alves Cordeiro, Intitulado: Relações de Gênero e Sexualidade na Escola: os meninos e as meninas, um projeto do CEPEGRE - Centro de Estudos, Pesquisas e Extensão em Educação, Gênero Raça e Etnia. A proposta de extensão teve como objetivo promover estudos e ações que trataram da temática relações de Gênero, por meio de atividades desenvolvidas junto as crianças do pré-escolar II com idade de 5 a 6 anos e com crianças das series iniciais do ensino fundamental com idade entre 9 e 13 anos no município de Dourados-MS. As atividades sobre desigualdade de gênero dentro da sala de aula buscaram desenvolver atividades e intervenções pedagógicas incluídas dentro da rotina das crianças, como forma de dar suporte as professoras regentes para tratar das relações de gênero. O desenvolvimento do projeto teve como meta proporcionar um ambiente escolar onde não houvesse o incentivo ou reforço dos preconceitos e reafirmações de lugares distintos para meninos e para meninas, futuramente homens e mulheres, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária e menos violenta, na qual exista o respeito à diferença e ao próximo.

violência contra a mulher, assim como a prática do *bullying* relacionada ao gênero, entre as crianças.

Este TCC foi elaborado a partir do registro das atividades desenvolvidas na sala de aula já citadas anteriormente, pesquisa bibliográfica em obras, artigos, revistas científicas documentos e outras publicações sobre a temática de gênero. As atividades práticas do projeto de extensão que deu origem a este trabalho tiveram seu início no mês de outubro de 2015 e término em junho de 2016. No decorrer do projeto, foram feitas descrições e análise das atividades desenvolvidas e situações ocorridas no cotidiano escolar.

Desenvolvimento

A violência está representada pelo abuso físico, emocional, psicológico e econômico, gerando assim mulheres com baixa autoestima, causando-lhes muitas vezes danos irreparáveis. Assim, problematizar a questão de gênero na educação é algo que se faz urgente, pois vivemos em uma sociedade explicitamente desigual em direitos e oportunidades, por exemplo, mulheres que praticam as mesmas funções de homens e ganham em muitos casos, menos que eles.

A mulher com sua jornada tripla se sente esgotada, pois ao chegar em casa ainda cumpre várias horas de trabalho na organização do lar, limpeza, tarefas que trazem do trabalho, ou seja, exercem papéis diferentes, de mães, esposas, mulheres, professoras, tudo em uma só. Mulheres que sofrem a exaustão da rotina tripla, sendo muitas vezes desvalorizadas socialmente e que, além de tudo sofrem violência física e emocional. Física, por que realmente apanham por atrasarem a comida ou por serem acusadas de trabalhar e não dar conta dos filhos ou não satisfazerem as vontades do companheiro e, emocional, pelo peso gerado por esses papéis, com diversas obrigações. Em muitas famílias, o parceiro ajuda nas tarefas, entretanto, a maioria deles chega e vai direto para o sofá, pois vê a mulher como máquina que nunca se esgota, não pensam no seu cansaço físico e mental, demonstrando que não refletem sobre o assunto e nem se preocupam para com a mulher.

A desigualdade de gênero que ocorre nas famílias e na sociedade, em geral, se reflete também no âmbito escolar, onde as meninas são tratadas como frágeis, submissas, pois essas devem sempre permanecer comportadas, segundo os padrões impostos pela sociedade, ou seja, estarem sempre limpinhas, falar com um tom de voz suave, apresentar uma letra redondinha e seus cadernos sempre no maior capricho. Se não se comportam assim, são rotuladas como relaxadas, algo fora do “normal”. Enquanto para os meninos, é visto como

“normal”, a correria, lutas durante o intervalo, cadernos sujos e letras garranchosas. (AUAD, 2012).

A educação demanda uma reflexão coletiva, na qual a família e a escola devem trabalhar juntas e buscar soluções e alternativas para que esses paradigmas sejam quebrados. A forma como o menino e a menina se comporta é algo imposto e visto, na maioria das vezes, como normal na sociedade, ocasionando futuramente mulheres com diversos tabus, com profissões que oferecem um lado financeiro desvantajoso e desigual. Na profissão a desigualdade é mais clara ainda, geralmente as mulheres partem para as áreas das humanas, fenômeno esse visto como “natural”, já que a mulher é mais delicada e organizada. Porém, o que acontece é que desde cedo os meninos são estimulados para o mundo das exatas, enquanto as meninas, apesar de muitas gostarem, não são incentivadas a seguir em frente, por se tratar de áreas dominadas por homens e rotuladas como “difíceis”, ou seja, considera-se que a mulher não tem inteligência para isso. São muitas piadas e ditados populares que dizem que o “homem já nasce dirigindo”, já a “mulher no volante é perigo constante”, piada que perpassa de tempos em tempos como uma parlenda, apregoando a inferioridade da mulher e o não domínio dessas modalidades. O homem já nasce sabendo dirigir, enquanto a mulher já nasce sabendo pilotar o fogão, frases machistas, preconceituosas que provavelmente toda mulher já ouviu falar.

O combate a essas desigualdades, assim como o combate a diversos tipos de discriminações devem começar desde cedo, na educação escolar, por meio de atividades que proporcionem atitudes futuras, que gerarão respeito a/ao próxima/o. É necessário que as famílias e as escolas percebam essas desigualdades e trabalhem para que elas sejam combatidas e não assistidas e perpetuadas com suposta naturalidade, coisas de meninas e coisas de meninos. Neste particular Auad (2012), afirma que:

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo de anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre feminino e o masculino foram se engendrando socialmente. (p.19).

Desenvolver trabalhos que abordem a temática de gênero, não é uma tentativa de homogeneização de pensamentos, mas sim uma tentativa de se fazer compreender as especificidades de cada gênero e que cada um possa agir conforme a sua vontade. O fato de o

menino brincar de boneca não irá remetê-lo a não ser um homem hétero, ao contrário, como no texto: O Menino que ganhou uma boneca, de Majô Baptistoni (2002), no qual o menino, ao ser presenteado com uma boneca, se sente encabulado e confuso, chegando a pensar que deveriam ter se confundido ao embrulhar ou que alguém estava querendo fazer alguma brincadeira com ele. Porém, ele sente vontade de brincar com a boneca e quando tem uma oportunidade, se coloca a brincar sem a presença de pessoas. Contudo, ao ser avistado com a boneca ele se sente envergonhado, mas ao olhar em sua volta percebe que seu tio não sabe segurar sequer um bebê, e que sua prima brinca de carrinhos. Assim, como as meninas crescem e podem se tornar motoristas, os meninos também crescem e podem vir a ser um pai ou tio, tendo um filho ou um sobrinho para segurar. O brincar é um direito de toda criança e não interfere no fato de alguém se tornar homem ou mulher heterossexual, homossexual ou bissexual. Não podemos continuar ignorantes nesses aspectos por falta de informações. Kishimoto (1997, p.1) nos afirma que “pelos brincadeiras, a criança socializa-se, integra-se em diferentes grupos sociais, aprende a explorar, compreende seu ambiente, desenvolve diferentes formas de linguagem e mantém a saúde mental e física”.

Pelas brincadeiras as crianças aprendem, propiciar as crianças desde cedo, diversas brincadeiras e atividades em que não haja separação de gênero é uma boa medida que se deve iniciar com as crianças menores. “Visto que o brincar é educativo e deve ser também planejado de forma que favoreça um brincar de qualidade”. (BRASIL, 2012, p.13).

Professores e professoras devem ser cautelosos/as e buscar perceber essa diferenciação de gênero muitas vezes em suas próprias atitudes. Quando o professor ou a professora pedir para que seus alunos e alunas ajudem na organização da sala, deve estar atento/a para que não somente as meninas façam o serviço de varrer o chão e os meninos o serviço de carregar as caixas, as tarefas devem ser misturadas, para que cada um faça um pouco de tudo, sem distinção de gênero.

Os comentários também devem ser evitados, pois se a menina gosta de jogar futebol ou o menino de brincar com bonecas, esses não devem ser vistos ou tratados de forma discriminatória. Esses comportamentos das crianças devem ser vistos como algo positivo, que contribuirá ao longo do tempo, para um futuro menos desigual nas práticas cotidianas entre meninos e meninas, portanto, entre homens e mulheres. O brincar é um direito de toda criança, pois brincando as crianças se desenvolvem, interagem, formam pares, pensam. A brincadeira deve ser estimulada e suas escolhas devem ser respeitadas e não discriminadas. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - (BRASIL, 1998) reforça dentre suas páginas a importância do brincar.

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações. (p. 27-28).

Portanto, este trabalho visa estimular docentes a pesquisar e desenvolver ações pedagógicas para trabalhar com crianças da pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental, voltadas para a temática de gênero e discriminação dentro do âmbito escolar, oportunizando, assim, que se pense na elaboração de projetos na escola, de modo a proporcionar uma reflexão sobre o problema abordado e suas possíveis soluções.

Questões de Gênero no Âmbito Escolar:

a) Atividades na Educação Infantil

Este estudo empírico foi desenvolvido em dois momentos e dois lugares diferentes. A primeira etapa do projeto de extensão ocorreu no segundo semestre de 2015, na turma de pré-escolar II do Centro de Educação Infantil – CEIM, localizado na cidade de Dourados-MS, sendo finalizado com um questionário aplicado a duas professoras e duas coordenadoras, de ambas as instituições.

O projeto de extensão que gerou a pesquisa aqui apresentada buscou compreender como as crianças constroem diferenças de comportamento de gênero dentro do ambiente escolar, além de dar apoio às professoras, para planejar e trabalhar as questões de gênero, de forma natural, no cotidiano da escola.

Durante as atividades de extensão desenvolvidas, houve uma forte resistência por parte da coordenadora do CEIM e também das professoras, mesmo a coordenadora tendo aceitado o projeto quando apresentado. Por conta disso, em todo o CEIM apenas uma professora regente se dispôs a receber o projeto em sua sala. Essa professora tem no histórico de sua formação estudos e discussões étnico-raciais e de gênero e, talvez por esse motivo, tenha nos acolhido, sem resistência para a realização do projeto de extensão. O que foi de grande ajuda, mantendo-se sempre presente a cada visita e atividade realizada. Quanto às demais, incluindo a coordenadora que relutou devido às possíveis reações dos pais, após as visitas iniciais à escola, com as conversas para que fossem tiradas as dúvidas e também, para que as crianças se adaptassem a uma pessoa que não fazia parte do cotidiano delas, foi ocorrendo uma maior aceitação, pois viram que não estávamos ali para discutir sexualidade,

tema bastante temido no âmbito escolar e, sim para desenvolver um trabalho de ruptura de estereótipos de sexo, visando no futuro contribuir para uma sociedade com mais equidade entre homens e mulheres.

Na primeira etapa de desenvolvimento das atividades, teve como foco a literatura infantil e brincadeiras, com temas que tratavam sobre gênero de forma implícita, já que para essa faixa etária, entrar em detalhes não apresentaria muitos efeitos.

A primeira história contada no pré-escolar foi “Ana e Ana” de autoria de Célia Godoy que conta a história de duas irmãs negras, gêmeas idênticas que por fora parecem muito iguais, todavia, internamente, cada uma demonstra ter seus gostos e anseios diferenciados. A história escolhida serviu como forma de investigação quanto às percepções das crianças em relação ao masculino e ao feminino, o resultado obtido não seria em torno da história, mas sim após. Depois da contação, foram oferecidas as crianças, papel sulfite de diferentes cores: laranja, verde, azul e rosa, para que as mesmas criassem um desenho relacionado a história que acabaram de ouvir. O objetivo da contação seguida da produção de um desenho era investigar o comportamento das crianças, perceber quais as diferenças criadas entre elas, quanto ao gênero masculino e o feminino, nesse caso, em relação a livre escolha das cores das folhas de sulfite que lhes foram oferecidas.

O que se constatou foi à escolha do azul pelos meninos e do rosa pelas meninas, outras cores foram escolhidas apenas quando o rosa e o azul acabaram. A partir desse momento e pela falta de opção das folhas rosa e do azul, a escolha foi aleatória, vinda sempre com a pergunta: _ *“Tia, não tem mais rosa?”*_ *“Tia, não tem mais azul?”* Outra constatação foi a não utilização do lápis de cor rosa pelos meninos, diferente das meninas que usavam o azul o tempo todo. Ao serem questionados por que não utilizavam a cor rosa, os meninos logo respondiam: _ *“Rosa é de menina e não de menino!”*

Durante a atividade, conforme os conflitos surgiam sobre as cores que meninos não queriam usar ou as meninas, as crianças iam sendo questionadas e colocadas a refletir sobre suas falas. Quando um dos meninos disse que rosa era de menina e azul era de homem, foi lhe mostrado como exemplo a cor da camiseta da professora que ali estava uma camiseta azul. Quando lhe perguntado se a professora era um homem por estar usando uma camiseta azul, ele logo arregalou os olhos como negativa, em seguida outras crianças começaram a falar: _ *“Tia meu pai tem uma camiseta rosa”!* Ou _ *“Tia minha mochila é azul”!* Por meio de exemplos próximos a eles e elas, foi feita uma tentativa de quebra de estereótipos de forma e na linguagem que eles entendessem.

Outra história que merece ênfase foi a de autoria de Majô Baptistoni (2002),

mencionada acima, “O Menino que ganhou uma boneca”. Quando o título foi lido para as crianças houve euforia pelo fato do personagem estar segurando uma boneca, gerando questionamentos se a criança na capa era um menino mesmo. As crianças pediram que a história fosse logo contada e assim foi feito.

Algumas crianças ao ouvirem a história, associaram o tio do menino a seus pais com dificuldade de segurar o irmãozinho ou a irmãzinha mais novo/a. Quando perguntado aos meninos ali presentes se eles brincavam de bonecas, apenas um respondeu que sim. Disse brincar sempre com sua irmã de boneca e de carrinho, a partir desse relato, outros começaram a dizer que brincavam, mas de super herói, que também era um boneco, só que de menino. Não houve um estranhamento com essa faixa etária quanto ao fato do personagem da história ter ganhado uma boneca, todavia, o que houve foi uma negativa por parte dos meninos quanto a brincarem sozinhos ou com alguém de bonecas. Apenas um menino assumiu brincar. Outros comentários em relação à história foram dos meninos enfatizarem que, se ganhassem uma boneca daquelas, dariam às suas irmãs ou primas e alguns disseram que dariam para suas mães.

Foi feita também, nessa sala, uma investigação, com a utilização de brincadeiras com uso de brinquedos diversos. Brinquedos esses que, a princípio, seriam divididos em cantos: - cantinho da maquiagem; - cantinho do lava rápido; - cantinho das bonecas. Todavia separar por gênero os brinquedos somente aumentaria a separação de gênero por sexo. Resolveu-se então colocar todos os brinquedos em um canto da sala e convidar as crianças a brincarem, conforme quisessem.

Percebeu-se nessa atividade que as crianças automaticamente se dividiam conforme seu sexo, os meninos escolhiam carrinhos, robôs e bonecos de super-heróis, as meninas escolhiam as bonecas e tudo o que era relacionado a elas, como roupinhas, banheiras e maquiagens. Contribuir com a quebra desses estereótipos foi difícil, pois as crianças já vêm de suas casas repletas de conceitos prontos, trazidas das famílias e até mesmo da própria mídia, a qual são expostas diariamente. Preconceitos que, às vezes, é reforçado dentro da própria escola, citando o lápis cor de pele, rosinha clarinho que crianças aprendem, muitas vezes, como sendo cor da pele.

Ainda, no decorrer das atividades e das discussões realizadas, na medida em que cada encontro era realizado pode-se afirmar que houve uma maior aceitação e uma proximidade, mesmo que bem tímida, dos grupos formados pelas próprias crianças, ou seja, os meninos brincando com alguns brinquedos das meninas e vice e versa. O intuito de todas as atividades e histórias era mostrar para a professora e para a coordenadora que participaram

do projeto de extensão, que não é difícil tratar de temas transversais no cotidiano da sala de aula. Com uso de contação de história ou brincadeiras, a temática pode ser abordada de forma simples, não se faz necessário um dia, um horário ou uma disciplina para falar sobre questões de gênero, raça, etnia ou violência.

Concluída a primeira etapa do projeto, pode-se perceber a necessidade de uma atenção maior quanto a essa temática, por parte da gestão escolar, seus professores e pais. Notou-se, em especial, a insegurança da professora e coordenadora quanto à reação dos pais e, a preocupação em como essa informação com o trabalho sobre a temática de gênero poderia chegar a suas casas. A preocupação não apenas dessa instituição, mas de muitas outras como nos mostra Martins (2016, p, 33) ao relatar o trabalho em torno da temática sobre gênero e sexualidade, “Penso que é uma questão cultural. O aluno traz para dentro da sala de aula, suas crenças e valores. Não sabemos de que forma o aluno vai interpretar o assunto e como essa informação vai chegar em casa”.

Desse modo, observando essa preocupação referente aos pais, talvez uma possibilidade de solução seja a escola fazer uma reunião com as famílias para tentar sanar qualquer tipo de dúvidas, ouvir e ser ouvida, ou a escola incluir, em seu Projeto Político Pedagógico – PPP, tomando para si essas discussões, não apenas de gênero, mas de todas as formas de discriminação e violência, especialmente contra a mulher, já que a escola faz parte da sociedade e, muitas vezes, as crianças adentram as salas de aula após ter vivenciado em suas casas, cenas de violências e abusos, isso quando as discriminações e violências não ocorrem de dentro da própria instituição, levando muitas crianças a não quererem mais ir para a escola. Além desse posicionamento, é importante que a escola esteja embasada de informações e documentos como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) nos quais estão incluídos os temas transversais (Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo, e Pluralidade Cultural). Quanto a isso Alves (2016) lembra que

É importante destacar que os temas transversais fazem parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), criados a partir do Plano Nacional de Educação (PNE), estabelecido em 1999. Esses temas não pertencem a nenhuma disciplina específica, mas atravessam todas elas como se em todas fossem pertinentes. (p.33).

Ou seja, são fatores e acontecimentos que fazem parte do cotidiano da escola e à gestão, a comunidade escolar e a sociedade devem estar cientes dos acontecimentos, de forma que possam ajudar essas crianças, futuros homens e mulheres, a não carregarem marcas,

cicatrizes, baixa autoestima e desmotivação para sua vida adulta.

A educação infantil é o início da construção e da esperança de uma sociedade com práticas e comportamentos mais igualitários, refletindo em um futuro mais promissor em relação à equidade de gênero, no qual a menina, futura mulher, vista atualmente como ser inferior e passiva aos homens, sofrendo altos índices de violência física e psicológica por parte da sociedade machista, possa ter esperança, condições e garantias de ter seus direitos respeitados.

b) Atividades desenvolvidas nas séries iniciais do Ensino Fundamental

Na segunda etapa das atividades, que ocorreu no primeiro semestre de 2016, as atividades foram desenvolvidas numa Escola Municipal com crianças de 9 a 13 anos de idade, em um 4º ano do ensino fundamental, em parceria com a professora de Leitura, Literatura e Produção de Texto – LLPT que disponibilizou uma de suas aulas de 50 minutos para que as atividades do projeto de extensão fossem desenvolvidas.

Antes de conhecer os alunos e alunas, recebemos uma advertência quanto à indisciplina e desinteresse da turma e, por isso, a metodologia para essa faixa etária de crianças foi bem diferenciada. A orientadora, então, orientou-nos a trabalhar bastante fora da sala de aula, o que gerou grande entusiasmo nos alunos e nas alunas.

Depois da apresentação aos alunos e alunas quanto às atividades que seriam desenvolvidas, seguindo todo um planejamento, a primeira atividade foi realizada com um passeio, no interior da escola, levando alunos e alunas a circular fora da sala de aula para registrar, por meio de fotos e observações nos espaços da mesma, os cartazes, pessoas, enfeites e os espaços de convivência que mais ou menos apreciavam. Depois do passeio, em conversa, refletimos: como era feita a distribuição das meninas e dos meninos nas salas de aula? Quais os espaços de lazer favoritos dos meninos e das meninas? Como a quadra de esportes era utilizada pelos meninos e pelas meninas? E o refeitório? E os espaços de convivência? Essa atividade finalizou com o passeio, já que cinquenta minutos passam muito rápidos, ficando a outra parte para o próximo encontro.

No encontro seguinte, fazendo uso de algumas fotos impressas que foram tiradas pelos alunos e alunas no encontro anterior, foi pedido que separassem as fotos sobre as quais quisessem comentar. Foi feita uma roda de conversa e aleatoriamente, foram indagados quanto ao porque das fotos. A maioria das fotos tiradas foram as da biblioteca, do refeitório, banheiro, da quadra e de um pátio, que fica colado à quadra.

As meninas escolheram falar sobre duas fotos, no caso a do banheiro e a do pátio,

pois segundo elas, o banheiro seria o local onde colocavam as conversas em dia sem serem atrapalhadas pelos meninos. Já o pátio, próximo da quadra de esportes, seria o local de suas brincadeiras, já que gostavam de pular cordas ali. Quanto aos meninos, foi escolhido um local em especial, a quadra, lugar que segundo eles são realizadas aulas de educação física que eles tanto gostavam detalhe, sem precisar fazer silêncio.

Para provocá-los, perguntamos se nesses jogos e brincadeiras eles e elas tinham o costume de brincarem juntos, obtendo como resposta uma negativa, já que as meninas não gostavam de jogar futebol, ficando para elas a bola de basquete e cordas para brincarem.

A realização dessa roda de conversa possibilitou o planejamento de outra atividade, no caso um jogo de futebol misto, para que as meninas pudessem vivenciar as brincadeiras que geralmente são típicas dos meninos, além dos meninos de brincarem com cordas, possibilitando assim, uma troca, já que na brincadeira com cordas, quem brincava mais eram as meninas.

Os meninos resmungaram muito, pois para eles o natural é que o futebol seja só para os meninos. Então, como a atividade estava no fim, foi lhes pedido que na próxima aula viessem com roupas confortáveis, para que saíssemos para a quadra. Antes os meninos foram retirados da sala de aula para uma conversa, ao qual houve o pedido para que dessem uma chance para as meninas. Foi-lhes explicado que elas não têm medo de quebrar as unhas, porém seus corpos são diferentes, assim como os deles, que também tem suas especificidades, lugares que doem mais caso haja uma batida, como os seios nas meninas e como os testículos nos meninos. Quando falado sobre os corpos, eles concordaram com cada especificidade, porém logo zombaram dizendo que: _ *“as meninas chorariam quando perdessem”*.

Quanto a essa naturalização criada socialmente entre o certo para eles e o certo para elas, Louro (2014, p.67) afirma que é preciso começar a desconfiar daquilo que é tomado natural, já que a partir de determinadas situações, a escola pode contribuir com o reforço e ensinamento daquilo que a cultura impõe sobre ser homem ou ser mulher, resultante de poder de um sexo sobre o outro.

No encontro seguinte, conforme combinado, as crianças foram levadas para a quadra. Primeiro jogaram futebol, um time de meninas *versus* meninos (os meninos ganharam de 3x1), depois todos juntos pularam cordas e no final brincaram de queimada. Essa última brincadeira não durou 10 minutos, pois logo bateu o sinal para o recreio. Ao final das atividades, houve comentários sobre a goleira, que era muito boa, por sinal, eles e elas se divertiram e pediram para que em outro dia tudo acontecesse novamente.

Trabalhar a equidade de gênero nas relações entre meninos e meninas, por meio

de atividade lúdica, no caso a prática futebolística e a brincadeira com cordas, possibilitou que as crianças interagissem durante as brincadeiras, e se atentassem quanto ao respeito de um sexo para com o outro, em relação às especificidades de seus corpos, estimulando tanto as meninas quanto os meninos a serem respeitosos com seus corpos e com os corpos dos outros.

Durante o projeto, outras atividades foram desenvolvidas tais como: reflexão sobre propagandas em relação ao papel designado as mulheres e aos homens, atividades com produção de textos sobre como era a interação entre meninos e meninas nos locais escolhidos, como os favoritos na escola. Todas essas propostas foram realizadas procurando entender de que forma as crianças constroem as diferenças comportamentais em relação ao gênero, analisando essas diferenças durante suas atividades no âmbito escolar. Houve também a análise das diferenças no que se refere ao feminino e masculino e seus anseios futuros, ou seja, como eles e elas se viam como futuros adultos. Essa atividade foi expressa por meio de colagens feitas por eles e elas fazendo uso de revistas e jornais, aos quais recortaram e montaram, representando a si mesmo e seu respectivo futuro. Alguns meninos se viam casados, outros estudando e uns namorando, já as meninas em sua maioria se viam como modelos ou com namorados. Os meninos demonstraram mais interesse pelos estudos do que elas, como perspectiva de adultos.

Um dos meninos comentou que já tinha namorada, colega de escola, mas que essa teria de emagrecer para que pudessem se casar, já que estava meio “gordinha”. Talvez por esse motivo, tantas meninas desejem ser modelos, padrão imposto tão fortemente pela mídia, fazendo com que meninas e meninos desejem tanto serem magros a ponto de não se aceitarem como são.

Além do auxílio da professora da sala quanto ao planejamento das atividades que propiciaram a discussão da temática de gênero, os meninos e meninas foram participantes ativos nas discussões e atividades, as quais tiveram como objetivo estimular a formação de um pensamento cidadão nos alunos e alunas, o respeito à identidade humana e a quebra de estereótipos de gênero, criados e impostos culturalmente na sociedade atual na qual os homens se consideram superiores as mulheres e, em inúmeras vezes, com sentimentos de posse, se acham donos dos corpos destas e das suas vontades. Tanto que ao serem contrariados chegam a lhes tirar a vida.

Também nessa etapa de desenvolvimento das atividades, a professora esteve presente na sala de aula, observando as atividades, cujo objetivo era demonstrar que a temática sobre gênero poderia estar presente em qualquer disciplina, e não em uma específica.

O discurso das professoras e coordenadoras sobre a temática gênero.

Para que as ações de extensão pudessem se tornar também uma pesquisa, foi aplicado um questionário com sete questões abertas, as quais foram respondidas pelas duas professoras e uma coordenadora que participaram diretamente das atividades desenvolvidas, como extensão. Das quatro participantes, apenas três se propuseram a responder, sendo uma professora do CEIM, uma professora da escola e uma coordenadora da escola. A coordenadora do CEIM não aceitou responder.

O modelo de questionário com as respostas das três participantes encontra-se condensado no Apêndice C. No que tange às questões referentes ao conceito de gênero citamos algumas respostas a seguir obtidas na questão 1:

Professora do Ceim - *“Relações de gênero é a relação social entre homens e mulheres uma mesma construção social”.*

Professora da Escola - *“Gênero é uma construção cultural e social e, como exemplo sua representação e os meios de comunicação é responsável pela construção de idéias, digo, idéias sociais, valores e preconceitos”.*

Coordenadora da Escola - *“Compreendo como relação de homens e mulheres e seu convívio social”.*

Pode-se perceber que as professoras e a coordenadora demonstraram falta de conhecimento sobre o que é a relação de gênero já que as mesmas responderam de forma insatisfatória às questões, além de terem retirado as suas respostas de sites da internet sem referenciar as autorias. A professora do CEIM retirou sua resposta do texto “O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais” de Cássia Maria Carloto, disponível no site: www.uel.br/revistas/ssrevistas/c_v3n2_genero.htm), enquanto a Professora da escola retirou sua resposta do texto “O conceito de gênero e suas representações” de Vagner Caminhas Santana e Claudia Toffano Benevento, disponível no site: www.efdesportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm).

Elas colocam gênero como uma construção social, mas não embasam teoricamente suas respostas. Wenzel (2009, p.74) define gênero como “construções sociais que ocorrem ao longo da vida dos sujeitos em interação com diversas circunstâncias em que estes aprendem a tornarem-se homens e mulheres de um determinado modo”. Louro (2014,

p.26), também corrobora com a autora citada acima ao afirmar que “Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”. Também os PCNS, formulados pelo MEC para o 3º e 4º ciclos do ensino fundamental reforça a fala das autoras descrevendo o conceito da seguinte maneira:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. (BRASIL 1997, p.99).

Sendo assim gênero é visto como um aprendizado, portanto parte da socialização presente na família, escolas e instituições sociais as quais participamos durante toda nossa vida.

Quando questionadas (questão 2), se já sofreram alguma discriminação por questão de gênero apenas uma professora respondeu que sim e citou exemplo a fala da **Professora do Ceim**: *“Na infância, pois a maioria dos primos são homens e como menina não podia brincar juntos em algumas brincadeiras como futebol e soltar pipas”*

Como já mencionado anteriormente, essa Professora/Pedagoga já tinha um histórico em estudos de questões de gênero e talvez por sua experiência e estudos ela tenha mais facilidade em perceber e intervir nos conflitos ligados a questão de gênero em sua sala de aula.

Quando questionadas (questão 4), como deveria ser o comportamento das meninas e dos meninos em sala de aula as professoras responderam o seguinte:

Professora do Ceim - *“Da forma que elas quisessem (risos, escritos pela mesma) com respeito aos colegas e interação com os demais”*. (quanto às meninas).

Professora do Ceim - *“Da mesma forma que eles quiserem. Com respeito e interação”*. (quanto aos meninos).

Professora da Escola - *“É comum serem mais comportadas, mas a medida da socialização em sala de aula tornam-se iguais em convivência”*. (quanto às meninas).

Professora da Escola - *“Menos agressivos, mais dóceis”*. (quanto aos meninos).

Em relação à aprendizagem (questão 5), se elas percebiam alguma diferença de

desempenho entre meninas e meninos e a (questão 3) relacionada a diferença de comportamento as respostas foram:

Professora do Ceim - *“Não, pois o desempenho escolar não depende de gênero”*.

Professora da Escola - *“Sim. Essa diferença depende muito da convivência e participação dos pais na vida escolar do filho. Depende também da questão cultural familiar, etc”*.

Coordenadora da Escola - *“Não a diferença na aprendizagem, mas os meninos são mais agitados”*.

Aqui as professoras não concordam em suas respostas, pois enquanto a professora do CEIM diz que o desempenho não depende de gênero, a professora da escola afirma que se faz necessário a ajuda dos pais. Contudo, essa resposta ficou vaga, já que ao mesmo tempo em que ela responde que há diferenciação na aprendizagem, ela não deixa claro que diferença é essa. Quanto a ajuda dos pais, sabe-se que, quando o pai ou a mãe da criança acompanha de forma mais presente a vida escolar do filho ou da filha, isso de fato influencia em seu desempenho escolar, independente se essa criança é menino ou menina. Já a coordenadora, ao mesmo tempo em que discorda dessa diferenciação de aprendizagem, reforça que os meninos são mais agitados, deixando em dúvida se essa “agitação” maior, por parte dos meninos, interfere ou não em seu desempenho escolar.

Percebe-se na escrita da coordenadora a concepção de que são os meninos sempre os mais “agitados”. Quanto a essa caracterização de que as meninas são mais “calmas” e meninos são mais “barulhentos e agressivos”, Louro (2014.) nos adverte que em situações contrárias, esses comportamentos não devem ser vistos como desvio de condutas, ou causar algum tipo de preocupação às professoras e coordenadoras, pois os meninos podem sim ser mais tranquilos e preferir atividades consideradas mais calmas, do mesmo modo que meninas podem preferir atividades consideradas mais agressivas, como jogos de futebol, por exemplo, sem que haja estranhamento por parte de professoras e professores, coordenadoras e coordenadores.

Na opinião da educadora Jane Felipe (2005, p.34), “Se os adultos acham que meninos são ‘naturalmente’ mais agitados e as meninas possuem a essência mais meiga e calma, as crianças que fugirem a essa regra serão olhadas com certo estranhamento”. A educadora afirma também que:

a construção das masculinidades e feminidades se dá de forma relacional. “A masculinidade é construída pela negação e pela inferiorização de tudo aquilo que possa parecer feminino. Ou seja, os meninos aprendem primeiro o que eles não devem ser (qualquer coisa o comportamento que se pareça com atitudes ou gestos de meninas). E nós sabemos onde isso vai dar: a ideia de que homens valem mais que mulheres produz consequências ruins para a vida adulta, como baixa auto-estima, sobrecarga emocional, dificuldades afetivas e muitas vezes, estão na origem da violência contra as mulheres”. (p34-35)

As questões 6 e 7, questionaram sobre a importância da realização de projetos dessa natureza nas escolas e, se alguma delas já havia presenciado, entre as crianças, falas e brincadeiras de discriminação contra a mulher. Sobre a importância dos projetos, consideraram importantes. Entretanto, percebemos que as respostas não foram condizentes com os fatos presenciados na execução das ações de extensão. Sobre a ocorrência de falas e brincadeiras de discriminação contra as mulheres, somente a professora do CEIM se manifestou, com o sim, atribuindo sua resposta a cultura familiar e também social, já que considera que “muitas famílias acreditam que a mulher é o sexo frágil e a sociedade também em sua maioria”.

Analisando as respostas aqui expostas, “Professoras e Coordenadoras” juntamente com as observações e os diálogos realizados com as demais docentes e gestoras, podemos afirmar que, em sua maioria, as escolas não estão preparadas para esse tipo de projeto sem o auxílio de uma entidade externa, apesar de as instituições aceitarem os projetos dessa natureza os aceitam por temer que as portas das universidades se fechem para as escolas, para não perderem trocas de favores. Devido a isso, permitem que os projetos aconteçam apesar de não acharem importantes, pois importante para as escolas são os reforços escolares em língua portuguesa e matemática. Ouviu-se muito também das gestoras e docentes que esses projetos não passam de utopia, que as coisas são assim e ponto, não tem como a ver mudanças, “é coisa de universidade” que não condiz com a realidade e demanda das instituições escolares.

Considerações Finais

Os resultados obtidos com estudos, observações e questionários aplicados, demonstraram que existem muitos conflitos sobre a temática de gênero no ambiente escolar, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, sendo esses conflitos, muito mais uma reprodução por parte das crianças, da fala das famílias e também do que vêem e ouvem da mídia e na escola.

Não foi nada fácil desenvolver e aplicar as ações de extensão e dizer que tivemos o apoio real das escolas, pois tivemos vários empecilhos, dentre estes, a falta de apoio das

professoras por considerarem esse tipo de projeto como algo dispensável, ou seja, coisa de universidade.

A escola deve trabalhar com a desconstrução de estereótipos incluindo os de gênero e outros contribuindo para a construção de equidade entre homens e mulheres. Nosso discurso não é sobre diferenças de corpos, algo evidente, mas sim sobre desconstruir a idéia de que homens e mulheres são diferentes em capacidades, direitos e deveres. Trabalhar com essa idéia é criar uma base para a luta a favor do fim da violência mundial contra as mulheres

Professoras e professores, cotidianamente enfrentam desafios em sala de aula com alunos que não aceitam fazer atividades julgadas como coisas de meninas e alunos que não aceitam levar, por exemplo, a sacola literária para casa pelo fato de sacola ser “coisa de mulher” e não de homem (fato vivenciado no 4º ano). Conflitos no recreio, devido aos xingamentos que ocorrem em relação aos meninos e também às meninas, que vão desde “vadias” por parte dos meninos, à passagem de mãos nos “bumbuns” das meninas, chamada de brincadeira de “passar cartão” e meninas que falam mal dos meninos com xingamentos de “viados e gays”, por esses não aceitarem encontros, a convite delas. Além disso, professores e professoras que por falta de conhecimento, fazem insinuações sobre meninos caprichosos e quietos ou sobre meninas que gostam de brincar com os meninos, ou seja, conflitos do dia a dia escolar.

É notório que na escola ainda existem preconceitos, de forma geral, relacionada às questões étnico-raciais, gênero, diversidade sexual e outros, os quais a maioria das professoras e professores ainda não estão preparadas/os para debater e orientar alunos e alunas quanto a essas temáticas. No caso das questões étnico-raciais e indígenas, a maioria discute apenas em datas comemorativas e nada mais. Além disso, essas questões não são debatidas, muitas vezes pela falta de conhecimento das/os educadoras/es ou até mesmo por convicções morais e sociais históricas constituídas a partir de valores baseados numa cultura eurocêntrica, patriarcal que ainda prega a inferioridade e submissão da mulher, por exemplo.

Urge a necessidade de a escola buscar entender como e porque ocorrem ações discriminatórias no ambiente escolar para, a partir de então, buscar formas e alternativas de trabalhos em parceria com a sociedade e as famílias, em prol de uma conscientização e erradicação de situações preconceituosas que estão impregnadas, desde as salas de aula, pátios e secretarias, até a gestão escolar. Dessa forma, a escola educará para o respeito pelo ser humano e por uma cultura de paz!

BOYS AND GIRLS EDUCATION: FOR GENDER EQUITY

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis - UT aims to present the results of an intervention research carried out through an extension project which promotes studies and actions that deal with the theme gender relations, through activities developed with Kindergarten 2 students, age 5 - 6, in a Center for Early Childhood Education, and with students aged between 9 and 13 years in one Public School from the city of Dourados-MS. The developed activities were about gender inequality within the classroom and in the schoolyard with the use of pedagogical materials, sought to include in the daily routine of the students differentiated activities, as well as methodologies to support the teacher to deal with gender relations with children. For this purpose, we applied a questionnaire to the coordinator of the CEIM and the school, besides our observations and participation on the children. The objective of the research was to discuss gender in the school context, from pedagogical activities and daily subjects as a way of reflection between students about a life that includes women and men with the same sense of freedom and responsibilities in society.

Keywords: Gender relations. Childhood education. Violence against women.

Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2. ed, São Paulo: Contexto, 2012

_____. Gênero é uma questão que já está nas escolas. **Nova Escola**, São Paulo, n.289, p 50-51, fev.2016. Entrevista concebida a Gestão Escolar.

ALVES, Célia de Jesus; MARTINS, Charlene Silva. Barreiras e o Conceito Equivocado. In: CHUDECKI, Laura Samudio. Muito Além de Der Menino ou Menina, Sexualidade e Gênero: Esse debate precisa sair do armário da escola. **Revista Atuação**, Campo Grande-MS, Ed.13.p.31-53, 2016.

BAPTISTONI, Majô. **O menino que ganhou uma boneca**. Maringá: Ed. Massoni, 2002.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:< http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em 19 de out. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de creches: Manual de orientação pedagógica**/Ministério da Educação. Secretaria de educação Básica. Brasília: MEC/SEF, 2012.p.13.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais**./Secretaria de Educação Fundamental. (PCNS) Brasília: MEC/SFE, 1997.

BOTTON, Andressa et al. Sexo/Sexismo. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015.p.601-604.

FELIPE, Jane. Meninas de azul, meninos de rosa. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**. Brasília, n.40,p.33-38, setembro de 2005.

GODOY, Célia Cristina. **Ana e Ana**. São Paulo: DCL, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; MONACO, Roseli Aparecida. **Construir Brinquedos e Organizar Espaços de Brincadeiras como Parte Integrante do Projeto Pedagógico**. São Paulo: Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, 1997. 26p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

WENETZ, Ileana. Questões de Gênero na Escola e no Recreio. In: PARANÁ. (PR). Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009. p.73-80.

APÊNCICES

APÊNDICE A: Termo de esclarecido e livre consentimento

TERMO DE ESCLARECIDO E LIVRE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidada (o) a participar, voluntariamente, da pesquisa **EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS: POR UMA EQUIDADE DE GÊNERO**. No caso de concordância em participar da pesquisa, favor assinar este documento ao final. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Em caso de recusa, você não será penalizada (o) de forma alguma. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone das pesquisadoras (o) responsáveis, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **Educação de Meninos e Meninas: Por Uma Equidade de Gênero**

Pesquisadoras Responsáveis:

Gislaine de Oliveira Correia

Profa Dra Maria José de Jesus Alves Cordeiro

Instituição a que pertence as (o) Pesquisadoras Responsáveis: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Curso: Pedagogia

Local da Pesquisa:

Nós, Gislaine de Oliveira Correia e Profa Dra Maria José de Jesus Alves Cordeiro, responsáveis pela pesquisa – **Educação de Meninos e Meninas: Por Uma Equidade de Gênero** - estamos fazendo um convite para você participar, voluntariamente, deste estudo.

Esta pesquisa visa contribuir com a discussão de gênero no âmbito escolar, a partir dos resultados obtidos numa intervenção feita via extensão, na qual, professoras com a autorização de sua coordenação participaram das atividades desenvolvidas sobre desigualdade de gênero dentro da sala de aula e no pátio escolar, com o uso de materiais pedagógicos, atividades diferenciadas, bem como metodologias e assuntos cotidianos que deram suporte as professoras para tratar das relações de gênero como forma de reflexão entre alunos e alunas, sobre uma vida que inclui mulheres e homens com o mesmo senso de liberdade e responsabilidades na sociedade.

Para realização desta pesquisa serão utilizados procedimentos metodológicos, como entrevistas individuais com as professoras e coordenadoras que participaram diretamente da intervenção, por meio dos quais se espera que as participantes forneçam informações sobre a temática que será analisada.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algumas das pesquisadoras. A principal investigadora é a Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro, que pode ser encontrada no endereço: Unidade Universitária de Dourados-UEMS, curso de Pedagogia, telefone (67) 3902-2681 e (67) 99628 7180, além da acadêmica Gislaine de Oliveira Correia, que pode ser encontrada no endereço: Unidade Universitária de Dourados-UEMS, curso de Pedagogia, telefone (67) 3902-2681 e (67) 99801-7503.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias a não ser entre as responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

APÊNDICE B: Autorização**AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____, após a leitura deste termo e ter tido a oportunidade de conversar com as (o) pesquisadoras (o) responsáveis, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informada/o, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto explico minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Local: Dourados – MS _____/_____/2016.

Nome do pesquisado/a ou responsável _____

Assinatura: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido desta/e participante (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

- Testemunha 01 (não ligada à equipe de pesquisadoras)

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

- Testemunha 02 (não ligada à equipe de pesquisadoras)

Nome: _____

RG: _____ Assinatura: _____

Dourados, MS: ____ de _____ 2016.

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE C: Questionário**QUESTIONÁRIO**

Professora e coordenadora do CEIM - P.C (Professora do CEIM) e C.C.(Coordenadora do CEIM);

Professora e coordenadora da Escola - P.E (Professora da escola) e C.E. (Coordenadora da escola).

As falas das professoras quanto às relações de gênero no âmbito escolar.**1-O que você compreende como relações de gênero?**

P.C_ Relações de gênero é a relação social entre homens e mulheres uma mesma construção social;

P.E_ Gênero é uma construção cultural e social e, como exemplo sua representação e os meios de comunicação é responsável pela construção de idéias, digo, idéias sociais, valores e preconceitos;

C.E_ Compreendo como relação de homens e mulheres e seu convívio social.

2- Você já foi discriminada/o alguma vez por questão de gênero? Sim () Não ()

Se a resposta for SIM, conte-nos como foi.

P.C _ (SIM), na infância, pois a maioria dos primos são homens e como menina não podia brincar juntos em algumas brincadeiras como futebol e soltar pipas

P.E_ (NÃO)

C.E_ (NÃO)

3-Você percebe formas diferenciadas de relacionamento entre meninos e meninas em sala de aula e no cotidiano escolar? Sim () Não (). Explique.

P.C_ (sim), Eu observo que algumas famílias não aceitam que as meninas brinquem com os meninos e vice-versa e isso acaba prejudicando a criança que muitas vezes fica retraída e tímida.

P.E_ (sim), Eles escolhem a convivência de colegas do mesmo sexo.

C.E_ (não)

4- Em sua opinião como devem se comportar em sala de aula:**As meninas:**

P.C_ Da forma que elas quisessem rrsr com respeito aos colegas e interação com os demais.

P.E_ É comum serem mais comportadas, mas a medida da socialização em sala de aula, tornam-se iguais em convivência.

C.E_ (Não respondeu).

Os meninos:

P.C _ Da mesma forma que eles quiserem. Com respeito e interação.

P.E _ Menos agressivos, mais dóceis.

C.E_ (Não respondeu)

5-Quanto à aprendizagem, você percebe alguma diferença de desempenho entre meninas e meninos? Cite:

P.C_ Não, pois o desempenho escolar não depende de gênero.

P.E_ Sim. Essa diferença depende muito da convivência e participação dos pais na vida escolar do filho. Depende também da questão cultural familiar, etc

C.E_ Não a diferença na aprendizagem, mas os meninos são mais agitados.

6-Como professora/o, você acha importante que a escola possibilite projetos que visam discutir as questões de gênero no cotidiano escolar, ou você acha que essas discussões atrapalham as aulas e não devem ser feitas?

P.C_Sim é muito importante oportunizar as crianças que tenham o conhecimento independente do gênero o importante é o respeito.

P.E_Sim é importante projetos (nestes projetos) desta natureza, no entanto, que os pais também se envolvam.

C.E_ Devem acontecer.

7-Você já presenciou falas ou brincadeiras entre as crianças da educação infantil que demonstram discriminação contra a mulher? Sim () Não (). Se a resposta for Sim, a que você atribui isso?

P.C_ A cultura familiar e também social, pois muitas famílias acreditam que a mulher é o sexo frágil e a sociedade em sua maioria também.

P.E_ (Não)

C.E_ (Não)